

TÚLIO FERREIRA ASTONI

RA: 0329765

**GÊNEROS TEXTUAIS: os impactos da internet e as
redes sociais no processo ensino aprendizagem de
alunos do ensino fundamental**

Curso

Língua portuguesa, compreensão e produção de textos

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE SÃO PAULO – SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP
2012**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2. AS ORIGENS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA INTERNET	7
2.1 O surgimento da internet como rede mundial de comunicação.....	7
2.2 O crescimento da utilização da internet no Brasil e no mundo.....	10
2.3 O surgimento das redes sociais	13
3. O USO DAS REDES SOCIAIS POR CRIANÇAS E JOVENS E A INTERFERENCIA NO PROCESSO APRENDIZAGEM.....	15
3.1 O processo de inclusão digital.....	15
3.2 A tecnologia e a educação	18
O aluno aprende fazendo.....	19
4. O USO DA INTERNET E SEUS EFEITOS NA LINGUAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A rede mundial de computadores – a internet – figura como ferramenta imprescindível no alcance da exteriorização de informações e o Brasil é um país que caminha a passos largos em busca da inclusão digital e da popularização da rede mundial de comunicações.

O objeto de pesquisa aqui selecionado encontra relevância ao oferecer respaldo teórico-científico aos que estão dispostos a discutir a questão da inclusão digital de crianças desde a mais tenra idade.

O presente trabalho procurou descrever e apresentar os impactos que as redes sociais, estão causando no processo ensino / aprendizagem de alunos do ensino fundamental.

O tema despertou interesse, pois atualmente a internet é atualmente a maior rede de comunicação no mundo e possui bilhões de usuários, dentre as quais as crianças que se identificam com a possibilidade de estar conectadas a um mundo virtual, conversando e se interagindo com os amigos.

Na Tabela 1 pode-se constatar que o Brasil é um dos países que tem um dos maiores números de usuários no mundo:

TABELA 1
Ranking dos países com maior número de usuários na internet

Pais	Número de usuários
China	253,8
USA	226,9
Japão	94,8
Índia	68,0
Alemanha	52,6
Brasil	50,9
Inglaterra	41,8
França	36,1
Coréia do Sul	34,8
Itália	34,7

Fonte: Rojas (2009)

Segundo Rojas (2009) Internet participa de modo efetivo das atividades diárias de milhões de usuários dos sistemas computacionais, sendo que sua aplicação em organizações tem sido indispensável na maior parte dos casos. No

entanto, estas atividades são consideradas como prejudiciais ao passo em que se utilizam horas em buscas ineficientes, ou seja, análises devem ser empreendidas para entender de maneira mais eficiente os processos de pesquisa implementados por usuários.

Assim o tema possui importância social visto que a melhoria da qualidade da educação no Brasil e o melhor preparo dos jovens e adolescentes para enfrentar o mercado de trabalho e as relações sociais dependem atualmente de recursos compatíveis com as evoluções tecnológicas, sendo que a internet é hoje uma ferramenta extremamente importante para a disseminação do conhecimento, troca de informações e agilidade na comunicação.

Mas, conforme destacam Monteiro e Ozório (2008) a utilização das novas tecnologias por crianças e jovens tem levantado questões sérias e complexas, tanto a nível social como educacional.

Uma das polêmicas levantadas está relacionada ao uso de gírias e abreviações da língua portuguesa, principalmente durante conversas nos chamados “bate papos” das redes sociais.

Monteiro e Ozório (2008) entendem que a criança fica viciada nessas gírias e acaba utilizando esse linguajar em seu dia a dia, influenciando, inclusive no momento de fazer uma prova ou redação no ambiente escolar.

Cabe então aos pais, professores e a escola impor limites e fazer a criança entender até que ponto pode utilizar esse linguajar sem que este atrapalhe seu rendimento escolar, sua fala e seu processo de aprendizagem.

Desse modo, o desenvolvimento desse estudo é relevante pois vai aprofundar essa questão, destacando os motivos que têm levado as crianças a utilizar cada vez mais gírias e abreviações no ambiente escolar e verificando as ações que o professor pode ter para modificar tal situação.

Objetiva-se com esse trabalho, de forma geral descrever sobre os impactos causados na língua portuguesa (escrita) dos alunos devido ao uso da internet e das redes sociais. De forma específica e delimitada serão vistos os impactos nas redes facebook e MSN.

A metodologia utilizada para realizar o trabalho constou de métodos padronizados de pesquisa que e de acordo com os objetivos propostos no plano foram utilizadas classificações como a proposta por Vergara (2003). A autora classifica as pesquisas quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a

pesquisa foi descritiva. Este tipo de pesquisa, na visão de Vergara (2003, p.47), expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. Além disto, segundo a mesma autora, "não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação". Quanto aos meios escolheu-se como técnica de pesquisa a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Parra Filho e Santos (2002, p. 18): "é realizada através de levantamentos de materiais com dados já analisados e publicados por meios escritos e/ou eletrônicos tais como livros, artigos científicos, páginas da web e outros".

As bases de dados e fontes foram retiradas de livros sobre tecnologia da informação, língua portuguesa educação e sobre a internet de uma maneira geral.

Quanto à estrutura o trabalho será fundamentada em cinco capítulos. O primeiro, de caráter introdutório, tratará da apresentação do tema, trazendo o objetivo geral e os específicos, a justificativa e a metodologia. Em seguida o estudo tratou da inclusão digital e seus benefícios para o ensino aprendizagem dos alunos do ensino fundamental. De forma específica o terceiro capítulo tratou conceitos acerca do uso dos gêneros textuais e sobre a Internet como meio de comunicação, destacando ainda o uso das redes sociais *Facebook* e *MSN*. Finalmente no quarto capítulo foi feita uma análise geral com base em conversas de crianças nas citadas redes e com base em pesquisas de redações e trabalhos de outros autores. Por fim, o último capítulo tratará da conclusão da pesquisa e das considerações finais sobre o trabalho.

2. AS ORIGENS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA INTERNET

2.1 O surgimento da internet como rede mundial de comunicação

Existem notícias sobre o uso de tecnologia e equipamentos computadorizados desde o final do século XIX. Tais equipamentos foram construídos por Herman Hollerith e foram utilizados na realização de censos demográficos e tiveram como objetivo agilizar o processo de levantamento das estatísticas demográficas. Além disso, essas máquinas acabaram por ter implicações também no holocausto judeu, ao serem maquiavelicamente usadas pelos alemães na identificação de onde estavam os judeus antes da 2ª Guerra Mundial (MANACERO JÚNIOR, 2001).

Os Estados Unidos dizem ser o primeiro País a construir um computador, mas de acordo com Manacero Júnior (2001), a história hoje resgata os computadores de Zuse¹ como sendo os primeiros computadores digitais do mundo e que poderiam ter desequilibrado a balança tecnológica durante a guerra.

Com o final da guerra começou-se a desenvolver computadores com fins comerciais, momento em que a IBM, que dominava o mercado de máquinas de escrever, aventurou-se nesse filão e dominou o mercado por mais de 30 anos, atravessando todas as evoluções entre as máquinas gigantescas da década de 40 até os computadores pessoais da década de 80.

Maracero Júnior (2001) destaca que durante esses anos as evoluções foram principalmente técnicas, com o surgimento dos transistores e depois dos primeiros circuitos integrados. Do lado do software as principais modificações foram o surgimento dos compiladores e dos sistemas operacionais.

Um fato marcante no final dos anos 60 do século XX foi a produção do primeiro microprocessador, o 4004 fabricado pela Intel, atendendo pedido de uma fabricante japonesa de calculadoras chamada Busicom. A partir desse primeiro processador surgiram o 8008, 8080, 8085, 8086 e com eles os primeiros computadores pessoais, que chegaram ao mercado na metade dos anos 70. “Dessas primeiras máquinas veio o conceito do PC fabricado pela IBM, que se

¹ Cientista nazista que desenvolveu máquinas para auxiliar na guerra

tornou o padrão de como deveriam ser os computadores pessoais” (MANACERO JÚNIOR, 2001, p. 02).

A década de 80 foi marcada pela entrada da Microsoft, no mercado e nesse momento a informática teve seu salto no que se refere ao desenvolvimento de softwares, o que inclui o Windows.

Conforme ensina Dias (2000) a internet surgiu a princípio para fins militares com o objetivo de permitir a comunicação dos computadores dos vários laboratórios de pesquisa do governo americano e ao longo de 25 anos a tecnologia de redes de computadores ficou quase que restrita aos laboratórios e universidades de pesquisa.

De acordo com Teixeira Filho (2001), a Internet, considerada como a maior rede de comunicação do planeta, teve o seu embrião na chamada Arpanet, no ano de 1969, com o claro objetivo de atender às necessidades do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, período que compreendia a Guerra Fria. Estes, temendo as consequências de um ataque nuclear, investiram maciçamente no projeto.

Kurose e Ross (2006) também afirmam que, os primeiros passos da disciplina de redes de computadores e da Internet podem ser traçados desde o final da década de 1950, quando a rede telefônica era a rede de comunicação dominante no mundo inteiro.

No auge da Guerra Fria, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos queria uma rede de controle e comando capaz de sobreviver a uma guerra nuclear. Nessa época, todas as comunicações militares passavam pela rede de telefonia pública, considerada vulnerável. (...) Sua resposta imediata foi criar uma organização de pesquisa de defesa, a ARPA, ou *Advanced Research Projects Agency*. Durante os primeiros anos, a ARPA tentou compreender qual deveria ser sua missão, mas, em 1967, a atenção do então diretor da ARPA, Larry Roberts, se voltou para as redes. Roberts voltou determinado a construir o que mais tarde ficou conhecido como ARPANET (TANENBAUM, 2003, p.54-55).

A ARPANET criou uma sub-rede comutada por pacotes, dando a cada host o seu próprio roteador. A sub-rede consistiria em minicomputadores chamados IMPs – *Interface Message Processors* (processadores de mensagens de interface) conectados por linhas de transmissão de 56 kbps. Os trabalhos desenvolvidos na ARPANET foram os alicerces do que hoje é a Internet (TANENBAUM, 2003).

Em 1972, a ARPANET tinha aproximadamente 15 nós e foi apresentada publicamente pela primeira vez na Conferência Internacional sobre Comunicação por

Computadores. Inicialmente, a ARPANET era uma rede isolada, fechada. Para se comunicar com uma máquina da ARPANET, era necessário estar ligado a outro IMP dessa rede. Do início a meados de 1970, surgiram novas redes de comutação de pacotes, que segundo Kurose e Ross (2006) foram:

- ALOHANET, uma rede de microondas ligando universidades das ilhas do Havaí, bem como as redes de pacotes por satélite (RFC 829) e por rádio da DARPA;
- Telenet, uma rede comercial de comutação de pacotes da BBN fundamentada na tecnologia ARPANET;
- Cyclades, uma rede de comutação de pacotes pioneira na França, montada por Louis Pouzin;
- Redes de tempo compartilhado como a Tymnet e a rede GE Information Services, entre outras que surgiram no final da década de 1930 e início da década de 1970;
- Rede SNA da IBM, cujo trabalho comparava-se ao da ARPANET.

O número de redes estava crescendo, sendo um bom momento para desenvolver uma arquitetura abrangente para conectar redes. O trabalho pioneiro de interconexão de redes, sob o patrocínio da DARPA - *Defense Advanced Research Projects Agency*, ou (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada de Defesa), criou em essência uma rede de redes e foi realizado por Vinton Cerf e Robert Kahn; o termo *internetting* foi cunhado para descrever esse trabalho (KUROSE E ROSS, 2006).

Ao final da década de 1970 aproximadamente 200 máquinas estavam conectadas à ARPANET. Na comunidade da ARPANET, já estavam sendo encaixados muitos dos componentes finais da arquitetura da Internet de hoje. No dia 1º de janeiro de 1983, o TCP/IP - *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (Protocolo de controle de Transmissão/Protocolo da Internet) foi adotado oficialmente como o novo padrão de protocolo de máquinas para a ARPANET.

No final da década de 80 surgiram as primeiras redes comerciais de comunicação e a população passou a ter acesso a essas redes. Por volta de 1992 surgiu o conceito de transmissão de informações com contexto visual com a criação

da World Wide Web (o www dos endereços de sítios na Internet) e a partir dele temos a Internet que Conhecemos (MANACERO JÚNIOR, 2001).

A idéia era criar uma rede sem centro, de modo que os recursos pudessem estar disponíveis, mesmo que um determinado nó estivesse fora de atividade. Inicialmente foram ligadas algumas Universidades, todas elas americanas.

Segundo o Jornal Estado de São Paulo (2002), o aumento de pontos conectados foi sendo realizado em proporções geométricas. No ano de 1971, já havia duas dúzias de junções de redes locais. Três anos depois, já chegavam a 62 e, em 1981, quando ocorreu o batismo da Internet, eram 200.

Considera-se ainda que nos dias atuais a Internet pública é uma rede de computadores mundial, isto é, uma rede que interconecta milhões de equipamentos de computação em todo o mundo. Não faz muito tempo, esses equipamentos eram primordialmente PCs tradicionais de mesa, estações de trabalho com sistema Unix e os chamados servidores que armazenam e transmitem informações, como páginas Web e mensagens de e-mail. Porém, sistemas finais que não são componentes tradicionais da Internet, como agendas digitais (PDAs), TVs, computadores portáteis, telefones celulares, automóveis, equipamentos de sensoriamento ambiental, telas de fotos, sistemas domésticos elétricos e de segurança, câmeras Web e até mesmo torradeiras estão sendo cada vez mais conectados à Internet (KUROSE; ROSS, 2006, p.03).

2.2 O crescimento da utilização da internet no Brasil e no mundo

Somente no Brasil, pesquisas de Rojas (2009) apontavam que existiam cerca de 51 milhões de usuários nesse ano e essas taxas crescem de maneira exponencial.

Rojas (2009) ainda destaca que além de ser o sexto país no mundo em número de usuários na internet, na América Latina, o Brasil, desde o início do século se encontra em primeiro lugar, conforme demonstrado na FIG. 1 abaixo:

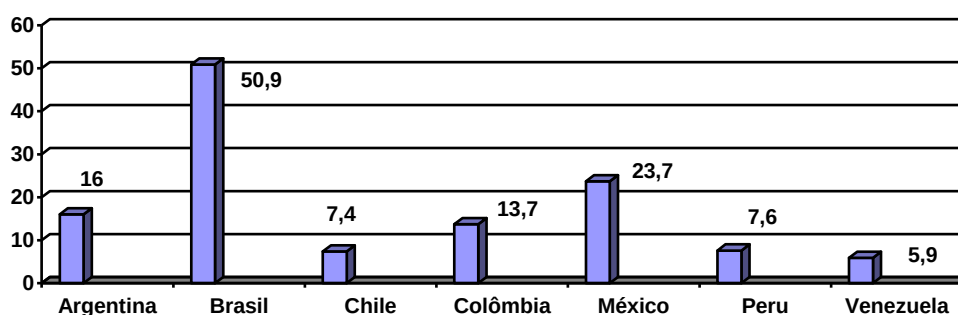


Figura 1: Ranking do países da América Latina em número de usuários da internet

Fonte: Rojas (2009)

Dados recentes de pesquisas realizadas por Diniz (2009) destacam que o avanço do uso da Internet pela população brasileira é expressivo. O autor cita que houve um salto de 36,6 milhões de usuários em 2005 para 55,6 milhões em 2008.

A FIG. 2 Abaixo mostra dados de pesquisas recentes sobre o perfil do usuário da internet e comércio eletrônico no Brasil:

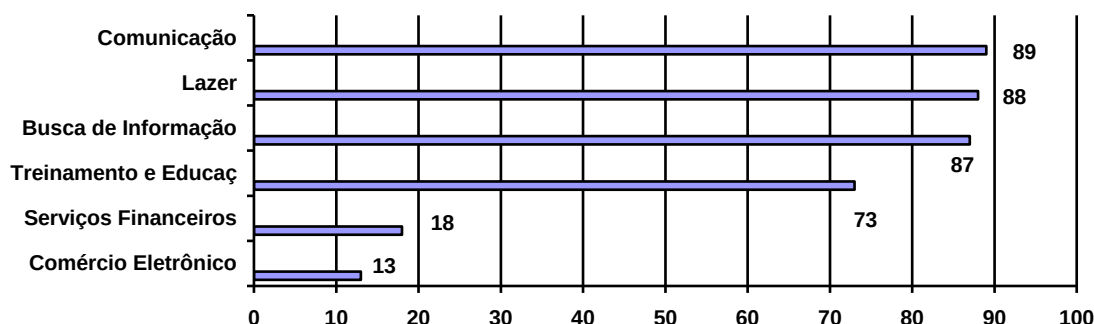


Figura 2: Percentual de usuários que utilizam o comércio eletrônico no Brasil

Fonte: Rojas (2009)

As mudanças no perfil do usuário refletem as transformações que acontecem na economia, que grande parte dos aspectos, não ocorreram repentinamente. Tratou-se de um processo lento onde começou com as modificações no comportamento dos consumidores, ocasionadas pela evolução do ambiente social onde se encontram. Fortes (2004) identificou entre os fatores responsáveis pelas modificações mais notórias com relação ao comportamento dos clientes, as modificações demográficas, assim como os avanços tecnológicos.

É possível ainda afirmar que o impacto da última revolução tecnológica (o lado da oferta) no comportamento dos consumidores (o lado da demanda) já é compreensível com notoriedade.

Quando as pessoas começam a mudar a maneira como elas trabalham, se comunicam e gastam suas horas de lazer, elas exercerão sem dúvida uma forte pressão nas empresas para mudar a maneira como fazem negócios com elas FORTES, 2004, p. 183).

Dandolini (2009) cita certos exemplos na modificação das necessidades dos consumidores:

- As facilidades eletrônicas para encontrar e comunicar a família e amigos, evitam formatos rígidos de comércio.
- A conquista de informação e entretenimento, instantaneamente, diminui a tolerância por tempo extenso de espera para a recepção de mercadorias (semanas ou meses).
- O aprimoramento da tecnologia efetivou o costume em realizar mais por menos, considerando tempo e esforço com custos acessíveis, o que pretendem conquistar inclusive com sua necessidade de bens e serviços.

Esse avanço foi obtido graças em grande parte à redução de custos de aquisição de computadores não só pela contínua redução dos insumos tecnológicos desses equipamentos como também pelo programa governamental de promover computadores de baixo custo, acompanhado da redução dos impostos incidentes sobre essa faixa de equipamentos (DINIZ, 2009).

Segundo o instituto Ibope Nielsen Online, de outubro de 2009 a outubro de 2010, o número de usuários ativos (que acessam a Internet regularmente) cresceu 13,2%, atingindo 41,7 milhões de pessoas. Somado às pessoas que possuem acesso no trabalho, o número salta para 51,8 milhões. 38% das pessoas acessam à web diariamente; 10% de quatro a seis vezes por semana; 21% de duas a três vezes

por semana; 18% uma vez por semana. Somando, 87% dos internautas brasileiros entram na internet semanalmente².

Em 2009, 67,9 milhões de pessoas com 10 ou mais anos de idade declararam ter usado a Internet, o que representa um aumento de 12 milhões (21,5%) sobre 2008. Em 2005, a Internet tinha 31,9 milhões de usuários; o aumento no período foi de 112,9% e observado em todas as regiões. O Sudeste se manteve com o maior percentual de usuários (48,1% em 2009 e 26,2% em 2005). As regiões Norte (34,3% em 2009 e 12% em 2005) e Nordeste (30,2% em 2009 e 11,9% em 2005) apresentaram os menores percentuais em cada ano, mas registraram os maiores aumentos percentuais nos contingentes de usuários (respectivamente, 213,9% e 171,2%).

Entre 2005 e 2009, o percentual de pessoas que utilizaram a Internet foi maior entre os jovens: 71,1% das pessoas de 15 a 17 anos acessavam a rede em 2009; em seguida vieram as pessoas de 18 ou 19 anos (68,7% de acessos). A faixa etária que menos utilizava a Internet foi há de 50 anos ou mais: 15,2%, mas esse contingente de usuários cresceu 138% no período.

Tais dados demonstram que de fato o acesso à internet tem aumentado significativamente no Brasil com possibilidades de aumentar ainda mais nos próximos anos, colocando cada vez mais crianças e jovens diante dos computadores e de seu universo.

2.3 O surgimento das redes sociais

O padrão de uso da Internet muda a cada dia em uma velocidade extraordinária, assim como a forma de ver e fazer comunicação. Cada vez mais a sociedade vive em um mundo mediatizado, onde, pessoas que antes não eram formadores de opinião passaram a utilizar canais de comunicação através da Internet como redes sociais, blogs, microblogs, fóruns de discussão. Rojas (2009) cita que antes o cidadão absorvia mensagens através de jornais, revistas, rádio e televisão, ou seja, os canais de comunicações eram infinitamente menores, sem a possibilidade de interação do receptor da mensagem.

² Informação colhida no sítio eletrônico/www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php, acesso em 07 out. 2012.

A internet abriu o leque de possibilidades dando oportunidade para que o receptor não só recebesse a mensagem, mas também produzisse sua própria mensagem, esse receptor deixa de ter um comportamento passivo onde os indivíduos passam a ter um envolvimento mais ativo diante dos veículos de comunicação (ROJAS, 2009, p. 02).

Aliada à popularização do acesso à internet surgiu o que hoje se conhece por “redes sociais”, que são estruturas compostas por pessoas e organizações conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. (DUARTE e KLAUS, 2008).

Os autores ainda dizem que as redes sociais têm acima de tudo modificado as formas de comunicação entre os indivíduos e a esse respeito cabe dizer que atualmente a comunicação está organizada em rede onde o fluxo de informação e formação de conteúdo é cada vez maior.

Duarte e Klaus (2008, p. 04) comentam que “a rede se constitui a partir da criação de conteúdo colaborativo entre um indivíduo ou em pares, a partir dessa nova perspectiva da formação de conteúdo nesse ciberespaço”.

No segmento das redes sociais, estão também as redes de relacionamento (facebook, MSN, orkut, myspace, twitter), redes profissionais (LinkedIn), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), redes políticas, dentre outras

No que se refere à utilização das redes sociais pesquisas veiculadas em 2010³, indicam que somente o facebook, possui 734 milhões de usuários e a mesma pesquisa indica que 84% dos usuários da internet em geral possuem contas em pelo menos uma das principais redes sociais.

Destacando o perfil dos usuários de redes sociais dados encontrados em pesquisas de sites na internet⁴ destacam que os homens utilizam mais as redes sociais do que as mulheres.

Os dados da mesma pesquisa indicam que nas redes sociais onde há contato para bate papo como o facebook, a idade média é de até 24 anos o que coloca os sujeitos envolvidos nesse estudo (crianças e jovens do ensino fundamental) na camada populacional que mais acessa e utiliza as redes sociais e os chamados “bate papo”.

³ Disponível em: <http://ecommercenews.com.br/noticias/pesquisas-noticias/redes-sociais-ja-conquistam-814-de-todos-os-internautas-do-mundo-diz-comscore>

⁴ Disponível em: <http://cmais.com.br/educacao/tracando-o-perfil-dos-usuarios-das-redes-sociais>

3. O USO DAS REDES SOCIAIS POR CRIANÇAS E JOVENS E A INTERFERENCIA NO PROCESSO APRENDIZAGEM

3.1 O processo de inclusão digital

Conforme já identificado ao longo do presente trabalho, o desenvolvimento da informática acelerado dos últimos anos, marcou uma significativa mudança no hábito de comunicação e de consumo de grande parte da população mundial, já que o acesso à internet e a facilidade de encontrar produtos e serviços através da rede faz com que diariamente sejam movimentados Bilhões de Dólares em venda por esse sistema.

Além da movimentação econômica está a facilidade de comunicação e no que se refere especificamente ao setor educacional, abre-se uma possibilidade significativa em colocar os alunos diante de uma ferramenta que oferecerá informações através de pesquisas, conhecimentos e informações atualizadas, hoje extremamente necessários para a formação de um cidadão.

Nesse momento, fala-se no chamado processo de “inclusão digital” uma expressão muito utilizada nos últimos tempos. Sua importância passou a ser percebida pelos órgãos governamentais, iniciativa privada e organizações da Sociedade Civil.

Embora o assunto já tenha sido visto de forma geral na parte introdutória do estudo, deve-se aqui entender melhor alguns conceitos, já que o amplo contexto onde a inclusão digital está inserida permite também a existência de uma diversidade de opiniões.

De maneira geral, a inclusão digital, na visão de Silva et al. (2005, p. 02) “deve ser vista sob o ponto de vista ético, sendo considerada como uma ação que promoverá a conquista da “cidadania digital” e contribuirá para uma sociedade mais igualitária, com a expectativa da inclusão social”.

A inclusão digital, de acordo com Campelo (2003, p. 06) é consequência do desenvolvimento da chamada “sociedade da informação”. Neste sentido, entende-se, como ponto de partida do conceito de inclusão digital, “o acesso à informação que está nos meios digitais e, como ponto de chegada, a assimilação da informação e sua reelaboração em novo conhecimento, tendo como consequência desejável a melhoria da qualidade de vida das pessoas”.

Rangel (2005) conceitua a inclusão digital da seguinte maneira:

É um processo em que uma ou grupo de pessoas passa a participar dos métodos de processamento, transferência e armazenamento de informações que já são do uso e do costume de um e outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo onde está se incluindo (RANGEL, 2005, p. 18).

Na visão de Delgado e Culti (2005, p. 02):

A inclusão digital é a democratização ao acesso as informações digitais, sendo necessário o treinamento e disponibilização de equipamentos para todos, sem distinção de classe social. Isto é, identificando as dificuldades de aprendizado de cada indivíduo e traçando um aprendizado adequado.

Silvino e Abrahão (2003, p. 04) analisam ainda que uma das dimensões da inclusão digital pode ser apreciada pela disponibilização do acesso às informações e serviços prestados via internet à maioria de uma população. Neste sentido, “trata-se de uma democratização da informática que pressupõe diferentes níveis de ação por parte do governo, de instituições de ensino, empresas privadas e terceiro setor”.

Verifica-se então que a inclusão digital é um processo único, abrangente e paulatino de democratização do acesso à informação, à cultura, ao conhecimento e à rede que exige diversas formas de ações, do qual fazem parte três elementos essenciais: o sujeito ou grupo de sujeitos que busca o acesso, os agentes que de alguma forma são responsáveis por esse acesso tais como o Estado e a instituições privadas, e as tecnologias de informática e comunicação com suas infra-estruturas tecnológicas de *hardware* e *software*.

Gasparetto (2006) considera ainda que a exigência para Inclusão Social não se limita apenas em ler e escrever e ser alfabetizado. Porém, considerando-se que as Tecnologias de Comunicação e Informação estão presentes na maioria das práticas sociais, as exigências são estabelecidas tornando-se evidente que o homem necessita, cada vez mais, fazer uso das novas tecnologias e ser capaz de entender o processo de utilização das mesmas.

O processo de inclusão digital no Brasil passa por uma série de desafios que vão desde a ausência de investimentos por parte do governo para de fato

democratizar o acesso à informação, até a falta de capacitação de agentes transformadores (professores e monitores de informática).

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2002), citado por Campelo (2003) que divulga o índice de avanço tecnológico comparado de 72 países. O Brasil, segundo este relatório, ocupa o 43º lugar e, embora seja considerado uma potência tecnológica, a distribuição e o acesso à tecnologia da informação é muito desigual.

Quanto ao acesso à informática, segundo pesquisa sobre inclusão digital realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) em 2003, citada por Vilela Júnior (2004), o Brasil apresenta algumas peculiaridades relativas ao acesso às tecnologias computacionais. Vejamos alguns destes indicadores:

- a) 12,46% da população têm acesso a computadores em casa;
- b) 8,31% têm acesso à Internet;
- c) 52,11% são mulheres;
- d) 23% dos aposentados têm acesso a computadores (10,64% com Internet);
- e) 28,44% dos trabalhadores com emprego formal têm acesso a computadores;
- f) 6,9% dos trabalhadores com emprego informal têm acesso a computadores;
- g) 15,14% dos brancos; 3,97% dos negros e 3,72% dos índios têm acesso à internet;
- h) A cada 4 meses 1 milhão de brasileiros entram para o mundo virtual (nesta taxa seriam necessários 30 anos para atingirmos 100% da população atual)
- i) Brancos possuem 167% a mais de possibilidade de ter acesso ao mundo virtual, em relação aos negros de mesma renda e instrução.
- j) 97% dos incluídos digitais vivem em centros urbanos.

Néri (2003) aponta que no final da década de 90, praticamente 67% das escolas particulares brasileiras possuíam acesso à Internet e disponibilizavam para seus alunos recursos e ferramentas da informática em tempo integral.

Em contrapartida, no que diz respeito às escolas públicas, a situação se configurava bastante diferente. Apesar de a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em vigor desde 1996, já preconizar a necessidade da "alfabetização digital" em todos os níveis de ensino, do fundamental ao superior, o censo escolar do Ministério da Educação (MEC), realizado em 1999, revelou que apenas 3,5% das escolas de ensino básico tinham, naquele ano, acesso à Internet, e cerca de 64 mil escolas do país não tinham sequer energia elétrica. (CUNHA, 2003)

Assim sendo, conforme salientam Silvino e Abrahão (2003) a oferta de serviços do Governo Federal e das organizações em geral pela via da internet encontra como desafios: (a) favorecer o acesso do cidadão ao mundo virtual, (b) reduzir o analfabetismo digital (que implica fornecer noções básicas sobre sistemas informatizados) e (c) melhorar a qualidade da interface gráfica disponibilizada, adaptando-a ao seu público-alvo.

3.2 A tecnologia e a educação

Conforme visto até o presente momento a sociedade atualmente necessita obter diversos meios de conhecimento, sendo que a escola é o primeiro ambiente onde uma criança vai buscar esse conhecimento e desse modo é preciso contar com as ferramentas e técnicas corretas no processo ensino aprendizagem.

Embora o foco específico deste trabalho seja mostrar os efeitos negativos que o uso da internet tem na linguagem e principalmente na escrita de crianças e jovens, salienta-se aqui o uso "exagerado" da internet e das conversas em redes sociais e bate papo pois a internet é considerada como um dos mais relevantes instrumentos de inclusão e conhecimento conforme foi verificado.

Tarouco (2000) considera que as TIC modificaram os valores da sociedade e o relacionamento humano, é esta uma das maiores mudanças ocorridas no Século XX. Elas são hoje uma das grandes responsáveis pela democratização do conhecimento, e conseqüentemente pela mudança do perfil dos professores e alunos, principalmente na licenciatura.

Segundo Vilela Júnior (2004), as inúmeras possibilidades e facilidades da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tornaram-se estratégias para as atividades educacionais. Hoje, seu uso em larga escala faz com que a adoção de soluções eficazes para a aprendizagem seja uma vantagem competitiva bastante

relevante para as instituições de ensino. As soluções tornaram-se tão variadas e complexas que requerem um conhecimento especializado e um contínuo estudo das alternativas existentes.

Pierre Lévy citado por Vilela Júnior (2004) categoriza o conhecimento existente nas sociedades em três formas diferentes: a oral, a escrita e a digital. Embora essas formas tenham se originado em épocas diferentes, elas coexistem e estão todas presentes na sociedade atual. No entanto, elas nos encaminham para percepções diferentes, racionalidades múltiplas e comportamentos de aprendizagem diferenciados. A forma escrita de apreensão do conhecimento é a que prevalece em nossas culturas *letradas* mas, a linguagem oral, ainda é a que predomina em todas as formas comunicativas vivenciais.

Vilela Junior (2004) entende que a educação atualmente possui uma face completamente diferente do que a educação das décadas passadas (antes do advento das tecnologias da informação) e nesse caso apresenta uma comparação que deve aqui ser exposta para que seja possível compreender que o uso da tecnologia da informação, especificamente a internet possui inúmeros efeitos benéficos para a educação, mas seu uso entre crianças e jovens deve ser devidamente controlado para que a internet não tome conta da vida dessa criança ou jovem ou não se crie situações onde estes indivíduos não saibam buscar conhecimento ou se relacionar de outras formas a não ser no mundo digital. Eis a comparação feita pelo autor em forma de Quadro.

Educação tradicional	Educação na Sociedade da informação
Foco no ensino	Foco na aprendizagem
Centrado no professor	Centrado no aprendiz
Ênfase na transmissão de conhecimento	Ênfase no desenvolvimento de habilidades e atitudes (aprender a aprender)
Ensina como se faz	O aluno aprende fazendo
Trabalha inteligência lógico-matemática e lingüística	Trabalha múltiplas inteligências
Modelo linha de produção	Modelo de aprendizado personalizado
Premia a submissão	Premia a participação

Pouca utilização de tecnologia	Emprega novos meios e novas tecnologias
Pouca motivação	Alta motivação
Tempo do professor quase totalmente investido na apresentação das aulas	Muita preparação de aula
Baixo índice de aproveitamento (das aulas e do professor)	Alto índice de aproveitamento (das aulas e do professor)

Quadro I: Comparação entre a Educação Tradicional e a Educação na Sociedade da Informação

Fonte: Vilela Júnior (2004)

Nota-se através da exposição da comparação acima que hoje em dia a educação prevê a busca do conhecimento de diversas formas, sendo, obviamente a internet a forma mais usada e prática.

Conforme salienta Barros (2012) as tecnologias da informação e comunicação, como o caso da internet são recursos adicionais disponíveis para serem utilizados, auxiliando na construção de conhecimento. Assim sendo, a autora entende que seu papel no processo ensino-aprendizagem deve ser o de um instrumento que irá mediar o saber, o saber ser e o saber fazer entre o educando e o mundo.

Assim sendo no ambiente escolar cabe ao professor essa função de melhor adequar o recurso, a melhor forma que possibilite ao educando questionar, levantar hipóteses, criar, sendo agente direto de sua aprendizagem. O professor possui o papel de orientar e o educando o papel de explorador, criando novas expectativas, se envolvendo no assunto questionando e interagindo com a atividade proposta.

4. O USO DA INTERNET E SEUS EFEITOS NA LINGUAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL

As discussões realizadas acerca da necessidade de inclusão digital aliadas a estabilização da economia, fizeram com que milhares de pessoas passassem a ter acesso à internet tanto dentro de seus lares, como nas escolas ou no ambiente de trabalho.

O foco das ações do governo foi favorecer o desenvolvimento de atividades que colocam o uso do computador como facilitador do ensino aprendizagem, facilitando a comunicação (entre os próprios alunos e entre os alunos e professores) e ainda se estendendo a pesquisas em diversas áreas (social, política, educacional e etc.).

Silvino e Abraão (2003) analisam que é inegável o “poder” educativo e informacional da internet e dizem que a Internet é uma mídia de grande relevância social, cultural e econômica, tornou-se um ambiente virtual colaborativo de conhecimento e de acesso a informações.

Assim sendo, a internet passou a fazer parte do dia a dia das pessoas e com relação especificamente às crianças e jovens em idade do ensino fundamental a internet passou a ser o principal canal de comunicação fazendo com que fosse criada uma linguagem própria que de fato é o alvo da discussão desse trabalho.

Pascuali e Alcântara (2011) destacam que observando o espaço dedicado à língua pela mídia seja ela a TV, o rádio, o jornal impresso, a revista e os sites é possível verificar em sua maioria a tradição normativa da língua, ou seja, dá-se lugar às discussões de língua por parte de gramáticos tradicionais, e até mesmo, às vezes, puristas, mas não por linguístas, sendo, portanto, esperado que se traduza “língua” por “gramática normativa”. Dessa forma, quando evidenciam-se variações e diferenças da norma padrão, são muitos aqueles que saem em manifestos para impedirem a “deteriorização lingüística”.

O alvo atual de grandes “mobilizações de salvamento” é o “internetês”, uma maneira de grafar palavras distinta daquela estabelecida pela convenção ortográfica. Essa nova grafia é utilizada nos gêneros recentemente produzidos pela Internet, como chats, e-mails, blogs, msm, entre outros.

Barros (2012) diz que nas salas de aula o chamado “internetês”:

O internetês é a linguagem utilizada no meio virtual, mais precisamente nas salas de bate papo como orkut, messenger, blogs e outros. Como foi se tornando uma prática na vida de todos, as pessoas que utilizam esses serviços passaram a abreviar as palavras de forma que essas tornaram-se uma configuração padronizada. É uma prática comum entre os adolescentes que, acostumados com a rapidez do mundo dos instantâneos e dos descartáveis, utilizam como meio de agilizar e dinamizar as conversas (BARROS, 2012, p. 01).

Tal questão passou a ser um problema, visto que os professores têm um conteúdo gramatical a ser cumprido e com as longas horas passadas na internet e nas salas de bate papo os alunos não conseguem compreender o conteúdo ministrado ou acabam utilizando o “internetês” nas suas escritas.

Barros (2012) ainda alerta para o fato da existência de bichinhos e palavras que piscam o tempo todo, chamados gifs, para os bate-papos tornarem-se mais atrativos e ao mesmo tempo eliminarem a necessidade de escrever. Na Figura 3 abaixo apresenta-se um exemplo desses desenhos:



Figura 3: Gifs animados que substituem a escrita

Fonte: Barros (2012)

Para o processo ensino / aprendizagem essa questão tem se tornado um problema sério conforme já mencionado, pois além dos jovens terem pouco contato com o mundo dos livros, justamente por estarem mais ligados às novidades virtuais, vão perdendo as formas padrões da ortografia, que podem ficar comprometidas pela falta de contato com a grafia correta.

Em sua pesquisa Barros (2012) cita alguns exemplos como a existência de algumas expressões fica registrada da seguinte forma: **:D** é uma risada, **B)** são óculos escuros, **:(** significa triste, **:*** é o beijo, **:x** caracteriza boca fechada, dentre várias outras.

Algumas palavras foram abreviadas de forma incorreta, comprometendo a ortografia como vc – você, blz – beleza, naum – não, cmg – comigo, neh – não é ou né, kd – cadê, etc.

O que acontece, e tem acontecido e tem sido alvo de discussão entre professores especialistas na área de educação e português é que essa forma de escrever extrapola o mundo virtual e atualmente tem sido comum um professor se deparar com textos escritos totalmente errados, que chocam as pessoas que preservam a forma padrão da escrita. A frase a seguir, encontrada na internet, é um exemplo disso: **“naum eskreva feito retardadu na net pq tem jenti lendu o q vc escrevi”**.

Fazendo outras pesquisas na rede não é difícil encontra novos exemplos como: "Td de bom p vc. Xau, bju!, Blz, t+! A gtn se fla por aki. Bjaum!" (o certo: Tudo de bom para você. Tchau. beijo!, beleza, até mais" A gente se fala por aqui. Beijão"), "Kd vc q naum dexo coments no meo flog pra eu fla c vc?" (o certo: Onde está você que não deixou um comentário na minha página pessoal de fotos para eu falar contigo?). Estas são frases típicas do que alguns professores, estudiosos da língua e gramáticos passaram a chamar de internetês. Mas pra falar sério, o que é possível encontrar atualmente na internet é brincadeira: "toaxandumoskema" (o certo : estou achando o maior esquema) entre outros é o principal problema.

A questão é muito complexa e apesar de polêmica é de difícil exposição visto que existe um paradoxo entre os efeitos positivos do uso da internet na educação e essa criação de uma linguagem própria entre crianças e jovens para se comunicar.

Então o que se deixa aqui no trabalho de conclusão de curso seria “até que ponto” pode-se utilizar a internet sem que esta interfira no processo ensino aprendizagem de crianças e jovens”?

Desse modo, entende-se que as escolas devem trabalhar muito quanto a esse aspecto, pois não se pode permitir que a escrita correta das línguas sejam destruídas diante das banalidades virtuais.

As famílias também devem colocar limites para os jovens, estimulando os mesmos a outras práticas de diversão, bem como estimulando-os à leitura de livros e revistas, adequados à idade dos mesmos.

Finalmente ao professor cabe a atuação de mediador, demonstrando à criança e ao jovem que a busca pelo conhecimento hoje é imprescindível e que dentro do relacionamento nas salas de bate papo e redes sociais permite-se utilizar o então “internetês”, mas essa é uma língua que não existe e os alunos devem compreender que no momento de escrever uma redação ou texto qualquer é preciso ter os conhecimentos corretos de grafia, gramática e português. Assim sendo, os ensinamentos dados na sala de aula, assim como a postura do professor diante desse processo são fundamentais para haver essa compreensão entre os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente estudo permite dizer inicialmente que as evoluções tecnológicas, a globalização da economia e as constantes exigências do mercado de trabalho, aliadas ao desenvolvimento social e econômico fazem com que a informação e a busca do conhecimento seja uma necessidade cada vez maior entre os cidadãos.

Nesse sentido, seguindo as tendências atuais e exigências citadas a inclusão digital tem perspectivas de se tornar uma importante ferramenta na construção da sociedade do conhecimento e da melhoria da qualidade de vida.

As mudanças produzidas pelas tecnologias, particularmente àquelas proporcionadas pelas tecnologias da informação e comunicação provocaram a ruptura dos modelos tradicionais de ensino-aprendizagem, tornando necessário um novo projeto educativo capaz de enfrentar os desafios do momento histórico atual.

Desse modo, debate-se muito hoje sobre a aplicação de novos recursos metodológicos no processo educacional capaz de proporcionar *estímulo-motivação* do aluno. Essa questão torna-se relevante e muitas iniciativas tanto por parte do governo como por parte da sociedade foram tomadas para facilitar o acesso de crianças e jovens ao mundo virtual (internet), fazendo com que essa ferramenta se torna-se a principal estratégia na busca do conhecimento e parte do processo ensino aprendizagem.

Ao longo do trabalho foi possível perceber os efeitos benéficos inegáveis da internet sobre a educação, porém, o que se pretendeu discutir no trabalho foi o uso exagerado dessa ferramenta pelas crianças e jovens que permanecem um longo período conectados em redes sociais e salas de bate papo criando uma nova forma de escrita, denominada pelos autores vistos de “internetês”

Essa nova língua é uma simples forma de abreviar e modificar a grafia das palavras, trocando a comunicação mais rápida entre os que utilizam os bates papo e redes sociais. Contudo, as pesquisas indicam que o uso exagerado desse tipo de escrita inventada faz com que os alunos extrapolem as conversas na internet e usem essa escrita nas suas provas, redações e textos produzidos, o que é considerado

pelos estudiosos da língua portuguesa uma situação inadmissível, já que existem regras e modelos tradicionais na gramática que devem ser devidamente seguidos.

De forma conclusiva é preciso entender que favoráveis ou não, é chegado o momento em que os, profissionais da educação, que têm o conhecimento e a informação como matérias primas, enfrentarão os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significa criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens; de seus riscos e possibilidades; para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos, e dispensá-los em outros instantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Jussara. **Escrita na internet**. Uma nova visão. 2012. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/educacao/escrita-internetuma-nova-visao.htm>. Acesso em 11 set. 2012.

BEZERRA, E. P., BRENNAND E. G. **Inclusão digital**: As Bibliotecas do Pólo Digital como Portais Educativos. Trabalho apresentado no II Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais, Campinas, 2004.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília, 2000.

DANDOLINI, G. A. **Um procedimento para avaliação da saúde financeira de pequenas empresas: estudo de um caso usando redes neurais artificiais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – UFSC, Florianópolis.

CAMPELO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CUNHA, Rodrigo. **Informatização nas escolas ainda é pequena**. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/especial/inclusao/inc01.shtml>, Acesso: 01 out. 2012.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

DIAS, Cláudia. **Segurança e Auditoria da Tecnologia da Informação**. Rio de Janeiro: Editora Axcel Books, 2000.

DELGADO, Maria Viviane Monteiro; CULTI, Maria Nezilda. **Inclusão digital**: a necessidade de ações coordenadas (2005). Disponível em: <<http://unitrabalho.org.br/paginas/artigos/artigo01.html>>, Acesso: 01 out. 2012.

DINIZ, Patrícia. Biblioteca do futuro. **Internet br**. São Paulo, março 2000.

DE LUCA, C. O que é Inclusão Digital ?. In: CRUZ, R. **O que as empresas podem fazer pela inclusão digital**. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.

DUARTE, Fábio, KLAUS, Frei. Redes Urbanas. In: Duarte, Fábio; Quandt, Carlos; Souza, Queila. **O Tempo Das Redes**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2008.

FORTES, V. O. **A viabilidade da implementação de uma trading company na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul**. 2004. 183 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Gestão e Cidadania) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí-RS.

GASPARETTO, Neiva Aparecida [et al.]. Modelo de Inclusão Digital para Organizações como prática de Responsabilidade Social. **XXVI ENEGEP** - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006

KUROSE, James F., ROSS, Keith W. **Redes de Computadores e a Internet**; uma abordagem top-down. 3. ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2006.

MANACERO JÚNIOR Aleardo. **A evolução da tecnologia dos computadores**. 2001. Disponível em: <http://www.dcce.ibilce.unesp.br/~aleardo/cursos/prog1/historiacomputador.pdf>. Acesso em 01 out. 2012.

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MATOS, João Roberto Loureiro; GUIMARÃES, Leonan dos Santos. **Gestão da Tecnologia e Inovação**: uma abordagem prática. São Paulo: Saraiva, 2005.

MERCADO, Luís Paulo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió, EDUFAL/INEP, 1999.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. A Internet como ambiente de pesquisa na escola Centro de Educação – Universidade Federal de Alagoas. **Revista Presença pedagógica**, v.7, número 38, pp.52-65. Belo Horizonte, março/abril 2001.

MONTEIRO, Ana Francisca.; OZÓRIO, Antônio José. **Usos, significados e contextos da utilização da internet e dos novos medias por crianças e jovens**. VI Congresso Português de Sociologia, Universidade de Lisboa, 2008.

NERI, M. **Mapa da exclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

O'BRIEN, J. A. **Sistema de Informação**. E as decisões gerenciais na era da Internet. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

PARRA FILHO, Domingos, SANTOS, João Almeida. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Futura, 2002.

PASCUALI, Daniele dos Santos; ALCÂNTARA, Elizabeth Maria. **O internetês: uma língua nova ou um preconceito?** 2011. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/4mostra/pdfs/258.pdf>. Acesso em 11 out. 2012.

RANGEL, M. **Inclusão digital e sociedade da informação** 2005. Disponível em: <<http://www.economia.net>>. Acesso em: 04 out. 2012.

ROJAS, Carmem Júlia Jordán. **A importância da internet e do comércio eletrônico**. 2009. Disponível em: <http://www.slideshare.net/byvale/a-importancia-da-internet-e-do-comrcio-eletrnico>. Acesso em 10 out. 2012.

ROVER, Aires José. **Inclusão Digital e Governo eletrônico**. Zaragoza: Prensas Universitárias., 2008

SANTOS, B. S. dos; RADIKE, M. L. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E. T.; SCHLÜNZEN, K. S. J. (orgs.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SEABRA, C. **Inclusão digital**: desafios maiores que as simples boas intenções 2004. Disponível em: <http://www.cidec.futuro.org.br>. Acesso: 01 out. 2012.

SELAIMEN, Graciela Baroni. **Políticas públicas de inclusão digital e equidade de gênero** – os hiatos e as pontes. Disponível em: http://www.fesgenero.org/media/File/politicas_publicas/politicas_publicas_de_inclusao_digital_2004.pdf, Acesso: 01 out. 2012.

SILVA, Helena [et al.] . Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 1, Jan. 2005.

SILVINO, Alexandre Magno Dias; ABRAHAO, Júlia Issy. Navegabilidade e inclusão digital: usabilidade e competência. **RAE electron.**, São Paulo, v. 2, n. 2, Dec. 2003 .

STAIR, Ralph; REYNOLDS, George. **Princípios de sistemas de informações**: uma abordagem gerencial. 4 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2002.

TANENBAUM, Andrews. **Redes de computadores**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TAROUCO, L. **Suporte de redes e computadores para educação à distância**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. **Comércio Eletrônico**. Rio de Janeiro: Senac, 2001.

TORI, Romero. **O Virtual que Marca Presença**. 1998. Disponível em: <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=1por&infoid>. Acesso em 11 out. 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projeto e relatório de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2003.

VILELA JÚNIOR, Guanís de Barros. **Modelo de inclusão digital para a construção do conhecimento e qualidade de vida em educação física**. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: Campinas, 2004. (Tese de Doutorado).